



NARRATIVAS INDÍGENAS DE GOIÁS: GRAFIAS DO POVO TAPUIA

Lorrane Gomes da Silva (PQ)*, lorrannegomes@gmail.com, André da Silva Almeida (IC), João Dorneles de Souza Neto (IC)

Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina

Resumo

A presente pesquisa objetiva levantar e catalogar narrativas, grafias e outras produções literárias produzidas pelo povo indígena de Goiás: Tapuia. A importância dessa investigação é poder dar visibilidade as diferentes realidades desse povo através das narrativas produzidas por eles. Compreende-se que os modos narrativos dos Tapuia constituem-se num acervo de suas histórias, de seus sofrimentos e do modo como significam a terra, a água, a natureza, as relações sociais e familiares, as divindades, entre outros elementos. E ainda que a forte inclinação pela oralidade possibilita e implementa o plano criativo e encantado da narração que, mesmo sem os vínculos canônicos e formais da língua, são esteios de significação, de educação e de formação de valores entre as gerações. Desse modo, essa investigação visa compreender quem são os sujeitos que escrevem? Quais são suas motivações? Em que contexto socioespacial e cultural se dá essa escrita? Que assuntos/temas são abordados? Qual a relação das narrativas com a reprodução da vida no lugar indígena? Como entender as lutas indígenas atuais a partir da produção literária desse povo? Autores como Menghi (2011), Ferreira Netto (2008), Barthes (1976), entre outros serão fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Produção Literária. Narrativas. Grafias. Povo Indígena Tapuia. Goiás.

Introdução

Conforme Menghi (2011), as narrativas, em geral são elementos significativos da memória coletiva e unidades constituintes das redes de conhecimento. Elas são elementos que carregam experiências e se manifestam por meio da tradição oral, que é alimentada pela troca verbal de informações ou por meio da tradição escrita, que é alimentada por documentos e que exigem a capacidade de leitura do código utilizado.

Para Ferreira Netto (2008, p.18), as narrativas, “[...] são elementos significativos de uma complexa rede de signos e sinais culturais”. Os estudos de Barthes (1976) afirmam que o ato de narrar é uma das formas mais expressivas dos sujeitos e sociedades revelarem suas experiências e dar visibilidade as suas próprias realidades. As narrativas indígenas, por exemplo, reforçam a tradição oral e



escrita que se originam muitas vezes das experiências individuais ou coletivas dos diversos povos e são fundamentais para o fortalecimento da memória e da identidade sociocultural.

Tendo como aporte essas afirmativas dos estudos apresentados, entre outros que existem nas mais diferentes áreas da Literatura, Geografia, Antropologia, Sociologia, sobre narrativas, sobretudo, as que são produzidas pelos povos indígenas, que o presente projeto de pesquisa foi elaborado. O objetivo é levantar e catalogar narrativas, grafias e outras produções literárias produzidas pelo povo Tapuia, da aldeia Carretão, município de Rubiataba, estado de Goiás.

Compreende-se que os modos narrativos do povo Tapuia constituem-se num acervo de suas histórias, de seus sofrimentos e do modo como significam a terra, a água, a natureza, as relações sociais e familiares, as divindades e espiritualidades, entre outros elementos socioculturais. E ainda que a forte inclinação pela oralidade possibilita e implementa o plano criativo e encantado da narração que, mesmo sem os vínculos canônicos e formais da língua, são esteios de significação, de educação e de formação de valores entre as gerações.

As narrativas que compõem a Literatura Indígena no século XXI, sobretudo, a partir da década de 1970, inscreve-se como afirma Lima (2016) como um campo de enunciação de autoafirmação étnica e de lutas políticas, que são reveladas pelas trajetórias socioespaciais dos sujeitos escritores, ela contribui para descortinar o modo pelo qual escritores indígenas, com suas narrativas desenvolvem leituras de seus povos e de sua cultura e as publicizam universalmente.

A escritora indígena Vangri Kaingáng (2017) define a Literatura indígena como uma forma de perpetuar o conhecimento oral, ou seja, quando um indígena escreve sobre seu próprio povo ele está traduzindo para a escrita experiências que aprendeu por vivência cultural, sua família, suas raízes, ele fala da origem de sua essência, do que aprendeu e ao qual deve respeito e o que verdadeiramente é, pois, fala com propriedade daquilo que conhece.

Para Daniel Munduruku (2008), um dos maiores escritores indígenas no Brasil a escrita é uma conquista recente para a maioria dos povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores que são de um conhecimento ancestral aprendido pelos sons das palavras dos avôs e avós antigos



estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas.

Atualmente, um ponto importante sobre a literatura dos povos indígenas são as publicações feitas por eles próprios. Houve uma abertura do mercado editorial para a literatura de origem indígena a partir dos anos 1990, mas, há uma produção significativa de livros produzidos para o consumo dentro das aldeias, portanto, sem objetivos comerciais.

Existem estudos expressivos sobre a produção literária indígena tratando dos tipos de produção documental, (auto) biográfica, de narrativas míticas, poéticas, didáticas e essas com várias vertentes, entre outras. Neste projeto a pesquisa será desenvolvida com o levantamento da produção literária coletiva e individual.

Há poucos registros e pesquisas sobre as narrativas, grifos e a produção literária indígena em Goiás, sobretudo referente ao povo Tapuia. Desse modo, essa pesquisa visa compreender quem são os sujeitos que escrevem? Quais são suas motivações? Em que contexto socioespacial e cultural se dá essa escrita? Que assuntos/temas são abordados? Qual a relação das narrativas com a reprodução da vida no lugar indígena? Como entender as lutas indígenas atuais a partir da produção literária desses povos? Essas, entre outras questões serão basilares para o andamento da pesquisa.

Material e Métodos

A metodologia para execução da presente pesquisa é composta por vários elementos e procedimentos como a pesquisa bibliográfica - física e virtual (redes sociais, *blogs*); trabalho de campo; participação em eventos específicos; oficinas; entrevistas; questionários; roda de conversas; diário de campo; registro de imagens por meio de fotografias e filmagens.

Resultados e Discussão

A proposta inicial da pesquisa era realizá-la nas três Terras Indígenas existentes em Goiás, dos povos Karajá, Tapuia e Avá-Canoeiro. Além dos povos aldeados foi mencionado na pesquisa os Xavante que são professores que vivem em aldeias no estado do Mato Grosso e trabalham em escolas estaduais no



município de em Aragarças/GO e os Tapirapé (também do Mato Grosso) é uma família que mora com os Avá-Canoeiro em Minaçu/GO em 2018.

O primeiro problema foi detectado ao reavaliar o recorte espacial proposto pela pesquisa. Notou-se que foi muito extenso ao considerar todos os povos indígenas de Goiás, já que visitar todas as aldeias e realizar a coleta de dados demandaria muito tempo e vários trabalhos de campo.

Para a realização dos trabalhos de campo em todas as aldeias, o segundo problema foi evidenciado - o transporte. Por mais que a direção do câmpus se organizou para atender as demandas, nem sempre foi possível ter transporte e ou motorista para as viagens. E o terceiro problema se pautou nos recursos financeiros, com o atraso do pagamento das diárias, foi inviável a realização de todos os trabalhos de campos.

Desse modo, em conversas com a direção do câmpus, achamos coerente reduzir o recorte espacial da pesquisa para que a mesma não fosse cancelada e pudesse apresentar pelo menos alguma das realidades vivenciadas pelos povos indígenas de Goiás. Como no mestrado e doutorado minhas pesquisas foram sobre o povo indígena Avá-Canoeiro e de 2014 a 2017 executei uma pesquisa referente ao povo Karajá, decidi que era uma boa oportunidade para contribuir com o povo Tapuia.

Como os Karajá e Avá-Canoeiro já tinham sido contatados para a realização da pesquisa, considerou-se ético a ida até as duas aldeias e explicar o ocorrido. Assim, então foi feito. De 16 a 19 de fevereiro de 2018 fomos (eu e os dois bolsistas de iniciação científica da pesquisa) em Minaçu na Terra Indígena Avá-Canoeiro e de 03 a 06 de março de 2018 em Aruanã na Terra Indígena Karajá.

Em Abril (dias 12 e 26) e Maio (10 e 31) de 2018, realizamos (bolsistas e equipe do projeto) reuniões para reorganizar a proposta da pesquisa e elaborar novas atividades. Na oportunidade, estudamos sobre o povo Tapuia os textos de Moura (2006); Silva (2000) e Trindade (2009).

O primeiro trabalho de campo no povo Tapuia, aldeia Carretão em Rubiataba ocorreu de 12 a 16 de junho (eu, os dois bolsistas de iniciação científica da pesquisa e uma colaboradora da pesquisa Amanda Borges, graduada do curso de Tecnologia e Gestão de Turismo da UEC/câmpus Cora Coralina em 2017).



Na oportunidade participamos na aldeia Carretão em Rubiataba/Goiás, do II Programa de Formação de Professores da Educação Escolar Indígena de Goiás, sobre a temática: Identidade, Interculturalidade e Currículo da Educação Indígena, organizado pela Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE), Superintendência de Inclusão.

Foi uma estadia muito proveitosa, pois tivemos a oportunidade de conhecer e ou reencontrar muitas lideranças Tapuia, os professores e professoras da Escola Indígena Cacique José Borges e sobretudo, duas pesquisadoras indígenas que tem conhecimento a respeito das narrativas e histórias do povo na qual foi possível conversar e entrevistar a respeito da temática da pesquisa.

Nesse primeiro contato, constatou que há muitas narrativas e histórias que compõem a cultura e cotidiano da vida Tapuia, sobretudo, utilizadas pelos próprios professores indígenas na escola, portanto, a maioria delas estão na oralidade, os registros escritos são poucos. Desse modo, tivemos a absoluta certeza, atestada também pelos Tapuia da importância dessa pesquisa, cujo objetivo é contribuir para essa catalogação.

Além das entrevistas (anexo I), registros fotográficos e levantamento bibliográfico. Na noite do dia 14 de junho, propomos para o cacique Tapuia a organização de uma roda de contação de histórias (anexo II), ele acordou e conseguimos reunir muitas pessoas do povo Tapuia e de outros povos que estavam presentes na aldeia.

No dia 15 de junho realizamos pela manhã uma oficina com os professores indígenas (anexo III), e a tarde uma oficina com os estudantes Tapuia (anexo IV), a fim de compreender o conhecimento deles sobre as histórias, narrativas, contos, lendas. Além do diálogo aberto, houve propostas de desenhos sobre a aldeia e o cotidiano indígena. Foi uma experiência enriquecedora e criou possibilidades de compreender melhor o universo das grafias e narrativas Tapuia.

Após o regresso, realizamos uma reunião no dia 28 de junho de 2018, para avaliar o primeiro trabalho de campo e dividir as tarefas de organização dos dados coletados. Ficaram de responsabilidade dos bolsistas sistematizar e organizar as informações coletadas nas entrevistas. No dia 15 de agosto de 2018 me apresentaram as informações organizadas no quadro 01:



Quadro 01: Narrativas e Grafias do povo Tapuia				
Narrador (a)	Narrativas	Temas	Tipos de Narrativas	Origem
Dorvalino Augusto da Silva	A visita dos Índios a comunidade	Passagem pela aldeia	Conto	Mito de Origem da Aldeia
Vilma Helena do Rosário e Silva	Assombração	Mata fechada com trilha estreita	Lenda	
Dorvalino Augusto da Silva	Pai do Mato	Romance	Conto	
Marina de Jesus Chaves	Lobisomem	Sumiço de animais	Lenda	
Vilma Helena do Rosário e Silva	O mundo dos bichos	Vingança	Conto	
Silma Aparecida da Silva	Redemoinho	Desobediência	Lenda	
Fonte: Povo Tapuia, Trabalho de Campo, Município de Rubiataba/Goiás, Junho, 2018.				
Organização: André da Silva Almeida; João Dorneles de Souza Neto.				

Compreende-se que as narrativas são fundamentais para o fortalecimento sociocultural do povo Tapuia. O trabalho agora é fazer o registro escrito dessas e outras narrativas.

Considerações Finais

Depois dos ajustes realizados, sobretudo, após o primeiro trabalho de campo, a pesquisa tem sido desenvolvida de forma satisfatória e objetiva cumprir o novo cronograma que foi reelaborado.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina que viabiliza a execução dessa pesquisa e todas as parcerias realizadas ao longo do processo, principalmente da Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE), Superintendência de Inclusão, ao povo Tapuia da aldeia Carretão em Rubiataba, Goiás, pelo acolhimento e contribuições e os colaboradores voluntários.

Referências

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição Oral e Produção de Narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

KAINGÁNG, Vangri. Literatura Indígena. Disponível em: <http://institutotear.org.br/literatura-dos-povos-indigenas>. Acesso: 29/03/2017.

REALIZAÇÃO





SILVA, Lorraine Gomes da. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatoká: ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família Avá-Canoeiro do Rio Tocantins**. 2016. 331 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

LIMA, Sélvia Carneiro de Lima. **ESCRITORES INDÍGENAS E PRODUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL: sujeitos em movimento**. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVA, Crithian Teófilo da. "Parados, bobos, murchos e tristes" ou "caçadores de onça"? Estudo sobre a situação histórica e a identificação étnica dos tapuios do Carretão/GO. **Boletim Anual do Geri** (Grupo de Estudos em Relações Interétnicas). Nº 04. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Antropologia. 2000.

MENGHI, Renato Wanderley. **Marcadores de transição entre tradição oral e tradição escrita em narrativas orais**. Revista Pesquisa & Criação (online), v. 10, p. 83-97, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/propesq/article/viewFile/406/442>>. Acesso em 19 de agosto de 2013.

MOURA, Marlene Castro Ossami de. **Aldeamento Carretão: "marco zero" da história das relações interétnicas dos tapuios**. Revista Dimensões. Vol. 18. Ed: Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) e do Núcleo de Pesquisa e Informação Histórica (NPIH) da Universidade Federal do Espírito Santo. Acessível em: <http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes>. 2006.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade** (2008). Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena>. Acesso:29/03/2017.

TRINDADE, Israel Elias. **O fenômeno da Monotongação no Português Tapuio**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Banco de teses e dissertação da UFG. 2009.

ANEXO I

Entrevistas



ANEXO II

Roda de Conversa – Contação de Histórias



ANEXO III

Oficina com os professores Tapuia



ANEXO IV

Oficina com os estudantes Tapuia





Fonte das Imagens: Lorraine Gomes da Silva; João Dorneles de Souza Neto e Amanda Borges, aldeia Carretão, município de Rubiataba, Goiás, 2018.